

# CAPÍTULO 1

## COSMOVISÃO E CULTURA

Anthony sentou-se e conversou conosco, na cafeteria bem iluminada, por um longo período. Apesar de entendermos seu problema, parecia impossível para nós alcançá-lo. Não conseguíamos atravessar o abismo perceptível existente entre nós. Era o tipo de abismo que separa dois tipos de vida, duas cosmovisões.

Anthony veio para o Canadá estudar comércio, com a intenção de voltar para sua casa em Singapura e começar a trabalhar em seu ramo de atividades. Ao retornar ele deveria se casar com uma garota com a qual já se relacionava havia alguns anos. Apesar de não estarem oficialmente comprometidos, dentro da estrutura cultural deles, supunha-se que eles se casariam.

Mas algo aconteceu. Em seu segundo ano no Canadá, Anthony tornou-se cristão por meio do grupo *InterVarsity Christian Fellowship*\* de seu campus. Ele cresceu como pessoa de maneira nunca antes esperada por ele mesmo. Como, frequentemente, acontece em tais períodos de crescimento, velhos planos começam a mudar. Anthony concluiu que não amava mais sua amiga, e começou a esfriar o relacionamento em suas cartas. Por fim, fez-se necessário voltar para casa e romper o relacionamento de modo adequado.

Ao contar sua história, ficamos impressionados com a integridade moral do que havia feito e da maneira como havia feito. Entretanto, agora que ele havia retornado, Anthony era um jovem deprimido e enfraquecido. Sua família o havia rejeitado por ter terminado o relacionamento com a moça. “Você é pior do que um animal”, seu pai lhe disse. “Até mesmo animais demonstram gratidão.”

Aos olhos de seus pais e aos olhos dos pais de sua namorada, Anthony havia cometido um pecado imperdoável. Ele havia golpeado as esperanças e expectativas de sua família sendo desleal com a mulher a quem ele havia sido prometido. Na cultura natal de Anthony, a lealdade é um dos mais altos de todos os deveres morais.

Essa história ilustra de forma dolorosa o caráter infiltrador das cosmovisões. A família de Anthony viu o que ele havia feito de maneira completamente diferente de como nós vimos. O que se destacou para nós foi a integridade de caráter

de Anthony. Vimos um jovem que se recusou a esconder-se atrás dos milhares de quilômetros que o separavam de uma situação desagradável. Vimos um jovem que era aberto e sensível na maneira como se relacionava com sua antiga namorada. Se seus pais notaram essas características admiráveis em Anthony, certamente não viram sua importância. Viram em primeiro lugar falta de lealdade e de gratidão.

Temos aqui duas maneiras de ver – na verdade, duas cosmovisões. Contudo, o que fez a situação mais dolorosa ainda é que as duas cosmovisões estavam em guerra dentro do próprio Anthony. Apesar de algumas pessoas alegarem o contrário, a conversão a Jesus Cristo não apaga de imediato anos de criação de acordo com outra visão religiosa. Anthony sabia que, como cristão, suas ações eram amorosas e honestas, mas em seu coração oriental as acusações de seus pais ainda faziam sentido. Talvez ele fosse, realmente, o vilão que seu pai disse que era.

Essa batalha de cosmovisões, essa tensão fundamentalmente espiritual incomodou e deprimiu Anthony por meses. Como amigos cristãos, o melhor que podíamos fazer era afirmar o lado cristão daquela batalha. Tentamos elevar sua autoestima assegurando seu valor aos olhos de seu Senhor e de seus irmãos e irmãs cristãos.

Este livro é sobre cosmovisões. Cosmovisões são mais bem compreendidas quando as vemos materializadas, incorporadas em modos reais de vida. Elas não são sistemas de pensamentos, como teologias ou filosofias. Pelo contrário, cosmovisões são estruturas perceptivas. São formas de se ver. Se quisermos entender o que as pessoas veem ou a maneira como veem, precisamos prestar atenção à maneira como elas andam. Se colidem com certos objetos ou tropeçam neles, então podemos supor que elas não os estão vendo. Reciprocamente, seus olhos podem não apenas ver, mas fixar-se em outros objetos.

Dois exemplos ilustrarão a questão. Antes de tudo, veremos como as práticas de criação de filhos no Japão diferem das do Canadá e então analisaremos os pontos de vista a respeito da terra mantida pela cultura norte-americana dominante e pela cultura norte-americana dos índios nativos, contrastando-os.

## ***Sobre dar banho em bebês***

Em 1959 a antropóloga Margaret Mead ajudou a produzir um filme intitulado: *As quatro famílias*.<sup>1</sup> O filme retrata um dia na vida de quatro famílias de quatro culturas: Índia, França, Japão e Canadá. As famílias são moradoras da zona rural e aproximadamente do mesmo nível e classe sociais. O contraste entre a família japonesa e a canadense é particularmente intrigante.

O conceito de família japonesa é mais amplo; os avôs paternos moram com a família do filho mais velho. O bebê fica a maior parte do tempo nas costas da avó

– uma cena ainda comum nas comunidades orientais das grandes cidades norte-americanas. No filme, o conselho dos avôs tem autoridade. A sabedoria da avó é especialmente importante na criação dos filhos. Na verdade, Mead observa que a mãe é dominada por sua sogra. Quando chega a hora do banho do bebê, a mãe entrega-o à avó, em uma enorme banheira; a avó segura o bebê junto ao seu corpo e lava-o. Limões flutuam na água para protegê-los do mal.

Na casa existem santuários budistas e xintoístas, diante dos quais os adultos apresentam pequenas cerimônias religiosas, adorando os deuses e ancestrais. As crianças compartilham pequenos e delicados brinquedos cuidadosamente manufaturados. Nem o irmão nem a irmã podem reivindicar a posse particular de qualquer brinquedo. No fim do filme, perguntou-se a uma pessoa japonesa quais características eram requeridas das crianças japonesas. Ela respondeu que eles deviam se tornar dóceis, gentis, obedientes, submissos e dependentes.

Agora, olhem para a família canadense. O que nos impressiona de imediato é que as crianças, nessa família nuclear, são incentivadas a desenvolver autossuficiência, autoconfiança e independência. Cada criança tem seus brinquedos e é ensinada a respeitar os direitos de propriedade dos outros. Quando uma criança (um menino) morde sua língua durante o jantar, ele é advertido a não ser um “bebê chorão”. Além disso, a cerimônia religiosa de dar graças antes das refeições é desempenhada por uma das crianças.

O mais interessante é o banho do bebê. O ritual é executado com grande eficiência. Parece até um evento médico ver o nariz e as orelhas do bebê serem arduamente investigadas com o uso de cotonetes. Em vez de estar em uma banheira aproveitando a proximidade de um parente, o bebê está sozinho. Observa-se que a mãe luta com a criança pela posse da esponja, Mead comenta: “Novamente a ênfase na independência, positividade e o desenvolvimento do poder da vontade”. Enquanto o bebê japonês (como as crianças francesas e indianas) é alimentado com leite materno e colocado para dormir com uma cantiga de ninar, o bebê canadense foi desmamado cedo. Na hora de dormir ele recebe sua mamadeira e é colocado no berço. A luz é desligada e a porta fechada. Não tem cantiga de ninar.

É óbvio que nem toda família japonesa nem canadense vive, exatamente, como as famílias desse filme. É verdade também que o filme é da época em que os papéis da família no Japão eram mais tradicionais e o livro *Baby and Child Care* de Benjamin Spock era a bíblia para muitas famílias jovens do *baby-boom*,\*\* na América do Norte. Mesmo assim os padrões de vida dessas duas famílias esclarecem a natureza das diferenças existentes entre as cosmovisões das duas culturas.

Quando olhamos para uma cultura, estamos olhando para as peças de um quebra-cabeça. Podemos ver o funcionamento de instituições diferentes, como a família, governo, escolas, instituições de culto (igrejas, templos, sinagogas e assim por diante) e empresas. Podemos ver os modos diversos de recreação, diferentes esportes, hábitos de comida e de transporte. Cada cultura desenvolve uma vida

artística e musical que é singular. Todas essas atividades culturais são peças de um quebra-cabeça.

A questão é: Como montamos o quebra-cabeça? Como as peças se relacionam? Qual é o padrão da cultura? Existe um código que desvenda o padrão? Sim. O elemento central que interliga as partes do quebra-cabeça tornando-o um todo coerente é a cosmovisão que tem o papel principal na vida daquela cultura.

Assim, se quisermos entender realmente por que uma família japonesa é tão diferente de uma canadense (ou por que Anthony teve de sofrer tanto na ruptura de seu relacionamento) precisamos compreender as distintas cosmovisões que estão em vigor. Por que a avó é tão importante na cultura japonesa e em outras culturas orientais? Por que ela tem a honra de dar banho no bebê? Por que as crianças têm de compartilhar seus delicados e esteticamente ricos brinquedos? Por que as crianças são criadas de maneira a ser dóceis, gentis, submissas e dependentes? Apesar de cada uma dessas perguntas ter muitas respostas, entenderemos o modo de vida japonês melhor se conhecermos mais a respeito de sua visão da vida.

## **O povo dominante**

A cosmovisão japonesa tradicional foi formada por três tradições religiosas antigas: o Xintoísmo, o Confucionismo e o Budismo. Essas religiões não competem entre si no Japão. Pelo contrário, elas se unem para formar o ponto de vista a respeito da vida que é predominante naquela cultura. No livro didático intitulado *Japan: A Way of Life*, os autores Arnold DeGraaff, Jean Olthuis e Anne Tuininga apresentam este esclarecimento:

As três religiões formais do Japão enfatizam sentimentos de lealdade ao grupo e de dever aos superiores. Praticar isso como modo de vida requer autocontrole e abnegação. A pessoa tende a negar suas necessidades e desejos pessoais e render-se aos interesses do grupo. Essa pessoa adquire um senso de importância pessoal por ser um membro leal do grupo. Portanto, ninguém pode agir sem o suporte ou aprovação do grupo.<sup>2</sup>

O egoísmo é visto como destruidor da harmonia original entre o homem e a natureza, o homem e outro homem, e entre o homem e ele próprio. A lealdade ao grupo é a única maneira de reaver essa harmonia porque tal lealdade não dá lugar ao egoísmo. E o que é o grupo?

O grupo é, em primeira instância, a família. “Trazer desonra sobre o nome da família é a pior coisa que uma pessoa pode fazer.”<sup>3</sup> A pessoa que pratica tal ato demonstra deslealdade e ingratidão aos seus superiores na hierarquia familiar. A lealdade e a gratidão estendem-se também aos ancestrais. De acordo com DeGraaff,

Olthuis e Tuininga, a família é: “Formada por uma linha de descendência ininterrupta que atravessa os séculos. O espírito de cada ancestral ainda vive e é parte da família.”<sup>4</sup> O culto aos ancestrais ou devoção filial é a parte central para o modo de vida japonês.

Mas a família suprema não é apenas a linha de descendência de uma família extensiva em particular. É a nação como um todo. Os japoneses têm uma crença tradicional de que eles são os descendentes diretos da deusa do sol *Amaterasu-Omi-Kami*. Tal descendência os destina a ser o povo supremo do mundo. Portanto, o alvo final de lealdade é a nação.

Todas essas facetas são integrantes da visão de vida japonesa. Apesar de não serem abrangentes, elas nos esclarecem sobre o modo de vida japonês e oriental. A posição dos avôs na família é firmemente estabelecida enquanto a devoção filial tradicional é estimulada. E as crianças não terão necessidade de proteger seus próprios brinquedos porque serão treinadas a ser humildes e submissas. Por razões religiosas eles instilam gentileza, obediência, docilidade e dependência – porque egoísmo é a raiz de toda desarmonia e porque a família nacional chegará à preeminência do mundo. Isso só pode ocorrer se as pessoas forem leais.

Esse sentimento de lealdade religiosa estava na base das atividades japonesas na Segunda Guerra Mundial. Nenhuma outra nação naquela guerra podia esperar aquele tipo de lealdade abnegada, comum entre as forças militares japonesas. Após a derrota humilhante em 1945, a honra do Japão ficou em perigo por causa da eventual superioridade econômica do Japão sobre o mundo ocidental. A industrialização pós-guerra era uma tentativa religiosa de reconquistar o orgulho nacional.

Entretanto, a forma que tal industrialização tomou tem sido diferente daquela do capitalismo ocidental. Graças ao seu modo religioso de ver a vida, o Japão pode contar com uma força-tarefa dedicada e leal. O espírito empreendedor industrial não é uma batalha individualista entre a administração e a mão de obra, mas um esforço nacional. Os trabalhadores relacionam-se com a corporação com a lealdade característica de sua vida. O emprego é para a vida toda, não uma conveniência a ser vendida a um arrematador no mercado de empregos.

Esse senso fundamental de lealdade e gratidão também é responsável pela dor experimentada por Anthony, pois as cosmovisões do Japão e de Singapura têm raízes semelhantes. Romper um relacionamento não era meramente uma questão pessoal na relação entre um homem e uma mulher; tinha profundas ramificações religiosas.

Já que um capítulo posterior tratará da cosmovisão norte-americana e da ocidental em detalhes, podemos ser breves em nossa discussão sobre a família canadense aqui. O contraste com a família japonesa é evidente. Os valores inculcados nas crianças canadenses – independência, individualidade e autoconfiança – são quase diretamente opostos aos valores japoneses de dependência, lealdade e obediência. O bebê não ganha o prazer da amamentação nem uma cantiga de ninar antes de ir

para o berço. Está sozinho, segurando sua própria mamadeira; espera-se dele que vá dormir como um adulto, assim que as luzes são apagadas. E as crianças recebem mais liberdade, seja sendo respondonas ou ao disputar a posse de uma esponja.

Por que as crianças canadenses são criadas assim? A herança judaico-cristã, com sua ênfase no interesse de Deus por nós como pessoas distintas, é uma das razões. Os seres humanos têm valor e são importantes aos olhos de Deus. Mas existem outras razões também, pois o individualismo da cosmovisão ocidental é contrário às noções bíblicas de comunidade, serviço e corpo de Cristo. O Ocidente enfatiza o indivíduo porque vê as pessoas como autônomas. O Renascimento defendia o homem que se faz pelo esforço próprio. O espírito pioneiro norte-americano promove a pessoa que vence por si mesma, que é agressiva e autoconfiante.

A vida contemporânea norte-americana requer que as pessoas tenham essas qualidades. A vida de negócios, por exemplo, não é vida de lealdade a uma companhia, destinada a realçar a honra nacional. Os norte-americanos participam de corporações sem nenhuma obrigação nacional – elas são, na verdade, corporações multinacionais. O propósito do trabalho é criar segurança econômica e afluência material, em primeiro lugar para indivíduos e famílias nucleares. Se outra corporação oferecer mais dinheiro e melhores benefícios, o assalariado desconsidera a lealdade e a gratidão para aceitar o novo trabalho.

Uma sociedade assim precisa de indivíduos agressivos, não de membros leais de grupos. Sem a força da lealdade filial, os avôs, em tal sociedade individualista, normalmente, vivem separados de suas crianças. Quando não podem mais cuidar de si mesmos, os mais idosos são colocados em instituições para serem cuidados por profissionais. Em uma sociedade assim, os mais idosos tornam-se inúteis e são, conseqüentemente, descartados. Não sendo economicamente mais produtivos, eles são, presumivelmente, velhos demais para oferecer um conselho significativo às suas crianças no mundo moderno. Não é de se admirar que as crianças japonesas e canadenses tenham relacionamentos tão diferentes com seus avôs.

O contraste entre o modo tradicional de vida japonês e o canadense oferece evidência para duas cosmovisões distintas. Uma tem suas raízes nas crenças budista, xintoísta e confucionista a respeito do grupo, dos ancestrais, da deusa do sol, da lealdade e da gratidão, ao passo que a outra está fundamentada em uma mistura de crenças cristãs e humanistas a respeito do indivíduo, autonomia e progresso econômico. Essas perspectivas da vida conduzem seus respectivos adeptos a modos de vida radicalmente diferentes.

E essas diferenças de cosmovisões podem ser identificadas em acontecimentos tão corriqueiros como na maneira de dar banho em um bebê. Para os ocidentais pode parecer uma estranha superstição colocar limões na banheira para proteger a família do mal, mas podemos questionar se a aura da higiene científica e médica que cerca *nossa* maneira de dar banho em bebês não é também religiosa e talvez até supersticiosa.

## ***Um pluralismo de cosmovisões***

Os modos de vida das famílias japonesas e canadenses ilustram a diferença na cosmovisão de duas culturas geográfica e politicamente distintas. Mas nem todos os membros de cada uma dessas sociedades aceitam a cosmovisão dominante e a forma de vida habitual de suas respectivas culturas. Cosmovisões minoritárias e comunidades alternativas sempre estão presentes em qualquer sociedade. De fato, a igreja cristã antiga era exatamente como uma comunidade alternativa durante a Era Romana.

Quando a sociedade manifesta uma pluralidade de cosmovisões, aparecem problemas. Se não existe uma visão dominante, aquela sociedade se torna uma casa dividida contra si mesma e, inevitavelmente, experimentará uma desintegração cultural. Mas quando há uma posição majoritária, quando uma cosmovisão domina as outras, a cultura deve lidar com as minorias de algum jeito. Essa questão é significativa no âmbito ético e político. Como a sociedade principal, com sua dedicação à forma de vida culturalmente dominante, relaciona-se com os grupos minoritários inclusos nela própria?

Os cristãos do primeiro século d.C. descobriram como a cultura dominante lidaria com sua comunidade alternativa quando Nero ordenou sua perseguição. A cosmovisão fascista de Hitler levou à tentativa da eliminação do povo judeu. Exemplos de culturas dominantes esmagando seus grupos minoritários são abundantes, mesmo hoje, nos regimes totalitários de esquerda e de direita.

A questão do pluralismo tem sido um problema central também para nações coloniais, só que a situação é oposta. No caso do colonialismo a questão não é como a maioria lida com a minoria, mas como uma minoria colonial poderosa lida com a maioria nativa a qual ela *colonizou*. O colonialismo cria a estranha situação em que a nova cosmovisão do poder colonial é forçada sobre a população majoritária da colônia. Vemos um exemplo extremo disso na política racista do *apartheid* [segregação] que ocorreu na África do Sul.

Entretanto, a África do Sul não é o único país no mundo que tem um *problema nativo*. O Canadá e os Estados Unidos também o têm. Ambas as nações são coloniais no sentido de que são habitadas e governadas por pessoas de herança principalmente europeia (isto é, estrangeiros). Mas havia pessoas aqui antes dos europeus chegarem, e essas pessoas ainda estão aqui hoje. Os povos nativos da América do Norte tinham uma cosmovisão e um modo de vida antes da chegada dos colonizadores brancos, e aquela cosmovisão contrasta com a forma de vida europeia de maneira tão veemente quanto o faz a cosmovisão japonesa. Desde os primórdios da conquista europeia da América do Norte tem havido pluralismo de cosmovisões e, conseqüentemente, problemas de cosmovisão.

Como os poderes coloniais tentaram lidar com aquele pluralismo? Eles tentaram absorver a população nativa na mistura cultural ocidental. Se os povos

nativos não quisessem ser absorvidos pela cultura branca (e as atitudes dos brancos faziam que essa assimilação fosse quase impossível), então eles recebiam duas opções: morte em batalha ou o isolamento nas reservas onde o modo de vida deles não podia ter continuação. A segunda opção equivalia à destruição cultural (alguns diriam genocídio) tanto quanto a primeira, mas o processo era mais vagaroso.

Sir John A. Macdonald, primeiro-ministro do Canadá, deixou claro que a cultura europeia dominante não deixaria espaço político, cultural ou econômico para os povos nativos do continente: “Os índios e mestiços do noroeste serão mantidos sob mão forte até que o oeste seja conquistado e controlado pelos colonizadores brancos.”<sup>5</sup> Os filmes hollywoodianos sobre a conquista do oeste nos mostram que o programa de ação interno americano era o mesmo que o do Canadá.

A insistência na absorção era uma rejeição total ao pluralismo cultural. Thomas Berger, comissário de uma recente investigação do governo canadense sobre as propostas de se construir um oleoduto ao longo do vale Mackenzie no Território Noroeste do Canadá, fez esta observação: “Era para ser missão do homem branco não apenas subjugar a terra e cultivá-la, mas também domesticar o povo nativo confinando-o no âmbito da civilização.”<sup>6</sup> É óbvio que existem várias suposições aqui: (1) nativos são selvagens que necessitam ser domesticados; (2) a cultura nativa não é uma civilização; (3) costumes nativos são inferiores aos dos colonizadores europeus e têm de ser rejeitados.

A suposta inferioridade da forma nativa de vida levou muitos missionários cristãos a trazer tanto o evangelho de Jesus Cristo *quanto* a civilização da Europa para os povos nativos. No Canadá, por exemplo, a igreja controlou a educação nativa. Ela via a educação como o meio mais eficaz de livrar os índios de sua forma de vida tradicional e começar a incorporá-los à cultura branca dominante. Não é de se admirar que tantos nativos hoje (e povos em geral em todo o mundo que tiveram contato com missionários cristãos), simplesmente, equiparam o Cristianismo à cultura ocidental. E eles rejeitam ambos de maneira categórica.

A maior parte das crianças índias, nos Territórios Noroeste, vivia em internatos onde recebiam sua educação. Em 1893 Mr. Hayter Reed, superintendente das questões indígenas, deixou claro o objetivo deles: “Nos internatos e nas escolas de aprendizagem industrial os alunos são retirados da liderança desta vida não civilizada por um longo período e recebem atenção e cuidados constantes.”<sup>7</sup> Tirando as crianças de seus pais, vestindo-as com as roupas comuns aos brancos do sul e extinguindo o uso das línguas nativas e observâncias religiosas nativas, os brancos esperavam que essas crianças rejeitassem sua cosmovisão tradicional e seu modo de vida e se convertessem à civilização branca.

Apesar de esse programa assimilativo ter conseguido criar crianças com baixa autoestima (elas foram ensinadas a envergonhar-se de sua herança cultural nativa), e apesar de produzir jovens que perderam sua agilidade tradicional para caçar, pescar



e fazer armadilhas, ele não produziu pessoas morenas integradas à cultura branca. O povo nativo perdeu sua linguagem, religião e modo de vida, mas não conseguiu adotar a cosmovisão branca.

Presos entre duas culturas, eles tornaram-se um povo desiludido e enfraquecido, não muito diferente do jovem Anthony. Sem raízes e espiritualmente desamparados, muitos passaram a ser dependentes da Previdência Social. O estereótipo do índio preguiçoso e bêbado tem suas origens nessa crise de cosmovisão. Por ironia, a única mercadoria que recebe subsídio governamental nos Territórios do Noroeste do Canadá, deixando seu preço tão baixo como o do sul, são as bebidas alcoólicas.<sup>8</sup> Ao passo que comida e roupas são caras, álcool é relativamente barato. É difícil entender o raciocínio do governo canadense.

### **Observando a terra**

Nos últimos 15 anos os povos nativos da América do Norte têm começado a fazer algo a respeito de sua situação. Para a renovação ou mesmo a sobrevivência de sua cultura, é necessário um retorno à sua cosmovisão tradicional e seu modo de vida. A espiritualidade nativa tem tido um ressurgimento marcante. Os indígenas têm dito que a única maneira de recuperar o controle sobre sua vida e libertá-los da dependência da Previdência Social e das bebidas alcoólicas é o retorno aos seus valores tradicionais.

Um conceito fundamental para esses valores é a percepção nativa sobre a terra. Entretanto, sua opinião sobre a terra leva-os imediatamente a um conflito espiritual, legal e político com a sociedade dominante do Canadá. Thomas Berger identifica o problema com muita precisão. O conflito é entre aqueles que veem a terra como uma fronteira (os europeus) e aqueles que a veem como sua terra natal (os denes e os inuítes). Berger escreve:

Consideramos o Norte como uma fronteira. Para nós é natural pensar em desenvolvê-lo, em subdividir a terra extraindo dela recursos para alimentar a indústria canadense e aquecer nossos lares. Nossa inteira inclinação é pensar na expansão de nossa máquina industrial até o limite da fronteira de nosso país... Mas o povo nativo diz que o Norte é a terra natal deles. Eles moram lá há milhares de anos. Eles reivindicam que a terra pertence a eles e creem que têm o direito de dizer o futuro dela.<sup>9</sup>

Nossa sociedade colonial branca nunca permitiu que o povo nativo mantivesse seu modo de vida livremente. Mas o problema torna-se crítico quando a forma de vida dos indígenas obstrui o caminho do *nosso* modo de viver. Isso ocorre de modo mais notório quando precisamos usar as terras indígenas para nossos propósitos

industriais. Em questão pode estar uma barragem, um desmatamento ou a exploração e transporte de óleo e gás natural.<sup>10</sup>

Apesar de tal conflito, de maneira inevitável, levar ao debate sobre a questão legal de reivindicações de terras nativas, o problema não é, originalmente, legal ou político. Em um nível mais básico o problema é de contraste de cosmovisões. Certa vez o economista E. F. Schumacher disse: “Observe como uma sociedade usa suas terras, e você pode chegar a conclusões bastante confiáveis a respeito do que será seu futuro.”<sup>11</sup> Poderíamos também dizer que o futuro de uma sociedade é dependente de sua visão, e sua visão pode ser averiguada a partir da observação de como ela usa suas terras.

Por que os euros-canadenses veem o norte como uma fronteira enquanto os povos denes e inuítes o veem como terra natal? Não é bastante dizer que é fronteira para nós porque somos relativamente novos na América do Norte, enquanto os nativos a veem como terra natal por estarem aqui há muito mais tempo. Sem dúvida essas realidades históricas são relevantes, mas não é só isso.

A cultura ocidental, caracteristicamente, vê a humanidade em uma relação de disputa com a natureza. Schumacher diz: “O homem moderno não se sente parte da natureza, mas uma força externa destinada a dominá-la e conquistá-la.”<sup>12</sup> A natureza é uma ameaça. É selvagem e irracional. Portanto, deve ser domesticada, subjugada e submetida ao controle racional dos seres humanos. Além do mais: “A natureza é a esfera de ação da autorrealização do homem.”<sup>13</sup> Isto é, em nossa manipulação e exploração da natureza construímos nossa sociedade, que é nossa autoafirmação. Aqui a exploração é um elemento-chave. A natureza existe para ser explorada pelos homens; à parte disso, tem pouco valor.

Um comercial de televisão da empresa Óleo Imperial (Exxon) ilustra o caráter antagônico e explorador de nossa relação com a natureza. Homens estão trabalhando em uma perfuratriz petrolífera no Mar de Beaufort. O anunciante nos transmite a ideia de como as condições deste Mar Ártico são desfavoráveis aos seres humanos. Explorar os vastos campos petrolíferos sob o fundo do oceano é uma tarefa difícil e perigosa. As perfuratrizes contorcem-se visivelmente contra os ventos tempestuosos do Ártico. Barcaças de suprimentos, que parecem pedaços de cortiça balançando no mar revolto, gastam horas tediosas tentando aproximar-se da plataforma gelada. Tudo está envolto em gelo. Mas a tecnologia da empresa Óleo Imperial conquistará esse oceano e trará petróleo para o sul do Canadá para assegurar que não congelemos no escuro deste inverno.

A natureza é vista aqui como o adversário constante. Tiramos da natureza os recursos que consumimos para nos isolar da natureza, por meio do nosso trabalho e da tecnologia. O comercial transmite a confiança de que o ser humano pode conquistar e explorar a natureza. É óbvio que não é mencionado que um vazamento de petróleo seria impossível de se limpar sob essas condições e resultaria em danos ecológicos incalculáveis.

Do ponto de vista ocidental os recursos podem ser possuídos e também explorados. Eles podem não apenas ser possuídos, mas também comprados e vendidos. A terra é um artigo de mercado assim como comida e vestuário. Isso pode não nos impressionar como sendo algo muito estranho, mas vale a pena observar que a ideia de vender terra é relativamente nova até mesmo na cultura ocidental. O filósofo Robert Heilbroner mostrou que: “Até o século 14 ou 15 não havia terra, pelo menos no moderno sentido de propriedade vendável, produtora de renda.”<sup>14</sup> A noção de propriedade privada que pode ser comprada livremente, explorada, desenvolvida, subdividida e vendida é fundamental para a economia contemporânea de mercado dos países capitalistas. Isso não é apenas um conceito econômico. É um modo fundamental de ver a terra.

Os povos nativos veem a terra de maneira muito diferente da nossa. Vamos analisar primeiro a forma como eles nos entendem e ao nosso ponto de vista. O chefe Seathl da tribo suwamish escreveu estas palavras ao presidente dos Estados Unidos em 1855:

Sabemos que o homem branco não compreende nossos caminhos. Para ele uma porção de terra é a mesma que a próxima, pois ele é um estranho que vem à noite e toma da terra o que ele precisa.

A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando já a conquistou, muda-se... Seu apetite devorará a terra e deixará atrás apenas um deserto.<sup>15</sup>

Os povos nativos em toda a América do Norte consideram-se inseparáveis da terra. A terra é algo que Deus deu a eles; eles devem usá-la e devem ser seus administradores. A terra é uma amiga. Não deve ser destruída, mas transferida para seus filhos e netos. A terra é segurança. Enquanto estiver lá eles não temem ficar sem alimento e abrigo. Além disso, a terra é a fonte de identidade e de autorrespeito. Eles acreditam que se a terra for destruída ou se eles se separarem dela, morrerão. Essa é a razão pela qual, muitos deles, veem a expansão industrial em direção a suas propriedades como uma maneira de genocídio cultural.

Vejam como o povo dene descreve seu relacionamento com a terra:

Ser indígena significa ser capaz de compreender e viver com este mundo de forma muito especial. Significa viver com a terra, com os animais, com os pássaros e peixes, como se fossem nossos irmãos e irmãs. Significa dizer que a terra é uma velha amiga e uma velha amiga que nosso pai conheceu, nosso avô conheceu e de fato seu povo sempre conheceu... Para o povo indígena nossa terra é realmente nossa vida. Sem nossa terra não podemos – não poderíamos existir mais como povo. Se nossa terra for destruída, nós também o seremos. Se seu povo algum dia tomar nossa terra, estará tomando nossa vida. [Richard Nerysoo]

A terra é nosso sangue. Nascemos e fomos criados nela. Vivemos e sobrevivemos dela. [Joe Betsidea]

Para nós é exatamente como uma mãe que criou seus filhos. É assim que nos sentimos com respeito a este país. É exatamente como uma mãe. Essa é a seriedade com que pensamos a respeito da terra por aqui. [Isodore Kochon]<sup>16</sup>

Em razão da cosmovisão dene vincular uma relação íntima e religiosa para com a terra, a noção de vendê-la é estranha para eles. Você não vende sua mãe, vende? Além disso, a propriedade é pública, não individual e particular. Um filho poderia fazer uma reivindicação especial de possuir sua mãe e também sua irmã? Claro que não. Os povos dene e inuíte compartilham suas posses materiais e chegam a decisões com base em consenso comum, não pela maioria democrática.

Esses pontos de vista contrários a respeito da terra levam a abordagens contrastantes sobre seu desenvolvimento. Os povos nativos não são contra o desenvolvimento em si. Eles, simplesmente, têm uma abordagem diferente. Os próprios denes identificam as duas propostas opostas: uma eles chamam filosofia *colonial* de desenvolvimento, a outra filosofia *comunitária*. A abordagem colonial vê o norte como o celeiro de recursos para os centros industriais do sul. Os denes explicam as consequências: “O petróleo, o gás e os minerais mudam-se para o sul, para esses centros. Os lucros que eles geram também se mudam para o sul com eles. O norte torna-se uma região distante dependente do sul; perde seus recursos e ganha a Previdência Social em troca.”<sup>17</sup> O desenvolvimento colonial, dizem os denes, teria um impacto terrível sobre a cultura do norte. Sugaria seus recursos até que se secassem, destruiria o meio ambiente e aniquilaria o modo local de vida.

Existe alguma alternativa? Os denes dizem que sim. Propõem uma abordagem comunitária de desenvolvimento pela qual pode ser concedida a eles a propriedade legal das terras, para as quais possuem a reivindicação aborígine. Eles teriam posse comum delas e as desenvolveriam com base no senso comum. “Somente a propriedade comunitária da terra, terra que pertence ao nosso povo por milhares de anos, pode nos dar a habilidade de determinar e seguir nosso próprio caminho.”<sup>18</sup>

Os denes empenham-se em desenvolver a terra como administradores e não mestres; como gratos recipientes da bênção divina e não como gananciosos caçadores de lucros. Eles disseram que permitiriam até mesmo que um oleoduto fosse construído, com todo o risco que tal projeto traz para o modo de vida deles, se fossem convencidos de que o óleo iria ajudar os pobres do Terceiro Mundo. Contudo, eles não aceitarão tal risco, se for apenas para alimentar a máquina industrial do Canadá ou dos Estados Unidos.<sup>19</sup>

Temos aqui dois modos de vida, duas visões da terra, duas abordagens para o desenvolvimento, uma cultura dentro de outra. Se essas duas cosmovisões podem coexistir dentro de uma sociedade será conhecido com o tempo.

Embora seja fácil falar de cosmovisões em termos abstratos, tentamos mostrar que elas são mais que sistemas redutíveis à descrição teórica. Cosmovisões têm poder cultural e espiritualmente formativo na vida de indivíduos que dão banho em bebês e andam sobre a terra. Uma descrição meramente teórica não pode transmitir seu caráter direcionador de vida. Mas, após ter dito tudo isso, queremos agora olhar para a explicação teórica das cosmovisões, sem reduzi-las a meras abstrações.